

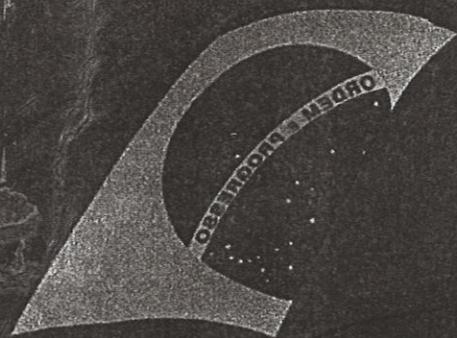
seu texto.

Olimpíadas no Feminino



por Ana Carina Santos

Citius, Altius, Fortius/COB 2000



Atenas terá a marca da mulher brasileira como nunca antes na história dos Jogos Olímpicos. Pela primeira vez elas somam metade da delegação, num número recorde: 122 atletas e muitas histórias de superação e sonho. Neste caderno, um pouco da história dessas mulheres determinadas que transformaram o cenário olímpico, da Grécia Antiga aos dias atuais.

Sandra Pires - Porta Bandeira em Sidney 2000 e veterana em Atenas



Nossas Mulheres de Atenas



Crédito: Livro Gold, Silver, Bronze/COB 1996

O time de Vôlei medalhista nas últimas duas Olimpíadas e esperança de novo pódio em Atenas.



Crédito: Livro Gold, Silver, Bronze/COB 1996

Jacqueline, Sandra, Mônica e Adriana comemoram a final brasileira histórica em Atlanta (1996)

Um recorde absoluto de participação: 122 mulheres, metade da delegação, estarão em Atenas, consolidando a evolução do esporte olímpico feminino brasileiro.

Os Jogos Olímpicos de Atenas que começam no próximo dia 13 de agosto já deixam sua marca na história brasileira, antes mesmo de começar: é a maior participação de atletas mulheres desde 1932, quando a primeira delas, a nadadora Maria Lenk, competiu em Los Angeles.

Para a Grécia estão embarcando 122 mulheres, o que significa 49,8% da delegação de 245 atletas.

Apesar de não haver propriamente uma surpresa nesse número, já que desde os Jogos realizados na Cidade do México em 1968 a participação de atletas brasileiras vem crescendo regularmente, o Comitê Olímpico Brasileiro deparou-se com um problema logístico: os dois prédios da vila olímpica não estavam preparados para receber tantas mulheres. Para resolver o problema, o Comitê Organizador dos Jogos em Atenas cedeu um terceiro prédio para a delegação brasileira que hospedará, pela primeira vez, somente mulheres.

Até os Jogos Olímpicos de Tóquio, em 1964, quando apenas Aída dos Santos integrou a comitiva, a participação feminina na delegação brasileira foi irregular, com altos e baixos. Foi a partir do resultado obtido pela atleta – um quarto lugar inesperado no salto em altura, até hoje o melhor resultado olímpico feminino numa modalidade individual – que as coisas começaram a mudar. Na edição seguinte dos jogos, na Cidade do México (1968), eram quatro atletas e daí para frente a participação das mulheres só aumentou.

Houve um grande salto em Moscou (1980), com 15 atletas, o que representou um crescimento de 114% na ala feminina da delegação. Hoje existe uma atenção especial do COB às necessidades femininas, chegando ao ponto de serem preparados kits especiais para as atletas, com cremes hidratantes, shampoos, por exemplo.

As medalhas, porém, chegaram somente em 1996, nos jogos de Atlanta. Aliás, a conquista do pódio foi inesquecível: as duplas Jacqueline Silva/Sandra Pires e Adriana Behar/Mônica Rodrigues fizeram a final verde e amarela no vôlei de praia, jogo vencido por Jacqueline e Sandra. Em outra final histórica, a seleção feminina de basquete, liderada pelas geniais Hortência e Paula, enfrentou o *dream team* norte-americano. Fizeram bonito mas ficaram com a prata que, nesse caso, teve gostinho de ouro.

No vôlei, depois de um jogo histórico e nervoso contra as cubanas nas semi-finais, que terminou com a derrota brasileira e uma confusão que foi parar na delegacia (a cubana Regla Torres agrediu a brasileira Ana Paula na entrada do vestiário com socos e pontapés), as brasileiras deram a volta por cima e conquistaram o bronze num jogo emocionante contra a Rússia.

Os Jogos Olímpicos de Atlanta representaram um marco na história das atletas brasileiras e criaram uma grande expectativa para Sidney, em 2000, que foi chamada de “as Olimpíadas das mulheres”, pois comemoravam 100 anos da participação feminina nos jogos.



Janildes Silva, no ciclismo estrada, e Formiga, em sua terceira convocação, estarão em Atenas.

Pela primeira vez na história brasileira, uma mulher, a medalhista Sandra Pires, teve a honra de entrar no estádio olímpico portando a bandeira nacional. Novas medalhas vieram para as brasileiras na Austrália: o Brasil repetiu a dobradinha no pódio do vôlei de praia, dessa vez com prata (Adriana Behar e Shelda) e bronze (Sandra Pires e Adriana Samuel), e conquistou outras duas medalhas de bronze com os times de basquete e de vôlei.

Há grandes expectativas de medalhas e bons resultados entre as atletas. A maior delas, sem dúvida, gira em torno da ginasta Daiane dos Santos que pode vir a quebrar um tabu e dar ao Brasil o primeiro pódio olímpico feminino numa modalidade individual.

Sandra Pires é uma das nossas maiores veteranas: embarca para sua terceira Olimpíada, dessa vez formando dupla com a também veterana e medalhista Ana Paula, que migrou das quadras para a areia. Juntamente com Adriana Behar e Shelda, as atuais líderes do ranking nacional, são promessas de pódio brasileiro, mas terão pela frente uma verdadeira guerra contra as atuais campeãs mundiais, as americanas May e Walsh.

Nos esportes coletivos, nossas meninas também têm chances. O vôlei e o basquete vêm mantendo-se no pódio olímpico desde 1996. Os times foram renovados e chegam aos jogos de Atenas afinados, carregando na bagagem experiência e bons resultados em competições internacionais. No futebol serão as meninas a defender a "honra" da seleção canarinho, com um time de jogadoras experientes e que ficou entre os três primeiros na Copa do Mundo. A revelação é o time de handebol, que conquistou o ouro pan-americano e o direito de disputar as Olimpíadas.

Em todos os aspectos, os Jogos de Atenas parecem ser a consolidação da trajetória esportiva feminina no Brasil. No atletismo, considerado o mais nobre das Olimpíadas, nunca houve tantas brasileiras classificadas. Há ainda estréias femininas na vela, no taekwondo, no remo e no nado sincronizado. As melhores expectativas no que diz respeito às nossas atletas já foram superadas e agora é só esperar (e torcer) pelos resultados.

Crédito: Livro Gold, Silver, Bronze / COB 2000



Hortência e Paula conduziram as conquistas do basquete até Sidney.

Na Era Moderna, a difícil inclusão feminina

Al exemplo do que aconteceu na antiguidade, as mulheres ficaram de fora das disputas esportivas quando os Jogos Olímpicos da Era Moderna foram inaugurados em Atenas, em 1896. A elas coube apenas o direito de ter assento nas arquibancadas.

Na edição dos Jogos seguinte, quatro anos depois, em Paris, onze mulheres foram admitidas como competidoras, a despeito da desaprovação do Barão Pierre de Coubertain, restaurador dos Jogos Olímpicos e então presidente do Comitê Olímpico Internacional. A elas, porém, só era permitido a participação em dois esportes específicos: o golfe e o tênis.

Segundo o Barão de Coubertain, esportes e mulheres eram incompatíveis, pois tudo o que exigisse esforço, força, rapidez e resistência não era apropriado a elas.

Em Estocolmo, 1912, 57 mulheres foram inscritas nos Jogos Olímpicos, cerca de 2% do total de atletas competidores. Depois de anos de luta, a natação foi incluída como esporte feminino. Até os anos 20, porém, a cada edição dos Jogos, novas barreiras eram criadas para limitar a participação feminina, culminando com o episódio do desfalecimento de algumas mulheres na pista durante a realização da prova dos 800 m rasos, em Paris (1924). O acontecimento fez com que Coubertain oficializasse no COI um pedido de alteração no regimento dos jogos, vetando a participação feminina, pedido que foi negado.

Paralelamente, entre 1922 e 1934, foram realizados jogos com provas exclusivamente femininas. Essas "Olimpíadas" das mulheres começaram a ganhar popularidade em toda a Europa, tornando-se um evento esportivo que chegou a reunir representantes de 19 países.

Sem ter mais como fechar os olhos para o fato, o Comitê Olímpico Internacional resolve finalmente ceder, abrindo mais espaço para as mulheres nas competições. Após a Segunda Guerra Mundial, essa participação começa a crescer regularmente.